Opinião Socialista

PSTU

Ano XI - Edição 303 - Colaboração: R$ 2 - De 28/06 a 04/07/2007 - www.pstu.org.br

VITÓRIA NA USP!

OCUPAÇÃO DERROTA GOVERNO E REITORIA E ABRE CAMINHO PARA UM NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Páginas centrais

GOVERNO LULA MANDA REPRIMIR CONTROLADORES DE VÔO

Página 4

POLÊMICA: OS RUMOS DO PSOL DEPOIS DE SEU CONGRESSO

Página 9

CARAVANA DA CONLUTAS VIAJA PARA O HAITI

Páginas 10 e 11

LUTA NO PARAGUAI - Professores paraguaios protestaram no último dia 26 em Assunção por melhores salários e pela regularização dos pagamentos atrasados de 1.300 profissionais.

PÁGINA DOIS

AFÃ – No ânsia de defender Renan, Tarso Genro, ministro da Justiça, disse que não conhece o processo contra o senador, "mas acredito e desejo que ele seja inocente", concluiu.

PISTOLAGEM IMPUNE

A impunidade dobrou o número de crimes no campo. Um balanço afirma que, em dez anos, os conflitos de terra saltaram de 658, em 1997, para 1.212, no ano passado. Desde 1985 foram mortos 1.465 trabalhadores. Apenas 20 mandantes e 71 executores foram condenados. Nem todos estão presos; muitos fugiram ou aguardam em liberdade julgamento de recurso. O número foi apurado pelos núcleos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em todo o país. A pastoral, no entanto, alerta que o número pode ser bem maior.

PÉROLA

"É a prosperidade do país. É mais gente viajando"

GUIDO MANTEGA, ministro da Fazenda, explicando que o caos aéreo foi provocado pelo "prosperidade econômica".

DEMISSÃO EM MACAPÁ

A empresa de ônibus União Macapá está realizando um ataque ao direito de livre organização sindical. Há três meses, o trabalhador Mauro da Silva, cobrador da empresa, foi demitido sem justificativa pela diretoria. Mauro é dirigente sindical e integra a CIPA. O sindicato dos condutores está exigindo a imediata reversão da demissão do sindicalista. Mensagens de solidariedade devem ser encaminhadas para os seguintes e-mails: Presidência do TRT - Sr. Juiz José Edilsimo Elizário Bentes edilsimo.bentes@trt8.gov.br; Secretaria da Vara do Trabalho em Macapá-AP vt1macapa.sec@trt8.gov.br; com cópias para sincottrap2@yahoo.com.br

CHARGE / AROEIRA

PARALISAÇÃO

Os professores e técnico-administrativos das escolas técnicas federais, escolas agrotécnicas federais, colégios militares e do Colégio Pedro II fazem uma paralisação de 72 horas nos dias 26, 27 e 28 de junho. Os servidores representados pelo Sinasefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional) reivindicam melhorias na carreira dos técnico-administrativos e a negociação para a carreira única dos docentes federais. Também reivindicam uma participação efetiva de servidores e da sociedade nos programas anunciados no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

GREVE

MEU GAROTO!

Uma das "provas" da venda de grande volume de gado que Renan Calheiros (PMDB-AL) apresentou foram as chamadas GTAs (Guias de Trânsito de Animal). Detalhe: as guias fornecidas pelo presidente do Senado foram emitidas pela Prefeitura de Murici (AL), administrada por seu filho, José Renan Calheiros Filho (PMDB), também conhecido como "Renanzinho".

'CONDENAÇÃO'

Em sua história, o Supremo Tribunal Federal nunca condenou políticos. Recentemente o STF resolveu "condenar" alguém, impedindo o deputado Edgar Mão Branca (PV-BA) de usar seu chapéu de vaqueiro nordestino no plenário da Câmara. Enquanto isso, Maluf, Collor, Jarbas Vasconcelos, Renan Calheiros e uma interminável lista de picaretas continuam roubando a população, sem por isso serem incomodados pela Justiça.

PSTU .org.br

ESPECIAL HAITI NO PORTAL

Na semana em que a delegação de sindicalistas brasileiros, organizados pela Conlutas, vai ao Haiti, o Portal lança um especial sobre o país. Nele você encontra um pouco da história do Haiti, a campanha pela retirada das tropas. Você também terá acesso ao blog da Conlutas "Solidariedade ao Povo Haitiano", que fará a cobertura em tempo real, direto do Haiti.

CHAT SOBRE A OCUPAÇÃO DA USP

NO chat sobre a ocupação da USP aconteceu no dia seguinte aos estudantes terem votado a saída vitoriosa. A conversa durou das 19h às 20h e contou com a participação de ativistas de todo o país. Entre outros assuntos, debateu-se as lutas nos outros Estados, a nova conjuntura do movimento estudantil e o papel da UNE neste movimento. **No Portal a íntegra da conversa com o militante do PSTU e estudante da USP, Gabriel Casoni.**

LITERATURA

JACOBINOS NEGROS

O livro "Jacobinos negros", de C. L. R. James, é uma obra fundamental para compreender a formação do Haiti, país que sofre uma ocupação liderada pelo Brasil. O livro narra a história da única rebelião de escravos vitoriosa de todos os tempos, a ocorrida no Haiti em 1791.

Título: **Jacobinos negros**
Autor: **C. L. R. James**
Editora: **Boitempo**
Ficha técnica:
ISBN 978-85-85934-48-4,
400 páginas, 16 X 23 cm
Preço: **49,00**

LIVRARIA ARSENAL DO LIVRO
arsenaldolivro@yahoo.com.br
(11) 3253.5801
Promoção de frete grátis para todo o país

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2777.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro *francodarocha@pstu.org.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

NOVAS LUTAS COMEÇAM A POLARIZAR O PAÍS

O segundo mandato de Lula está apenas começando, mas bem diferente do primeiro. Não estamos nos referindo à longa lista de escândalos de corrupção. Neste terreno pouca coisa mudou, a não ser a quantidade maior de casos e de dinheiro envolvido.

O que realmente começa a mudar tem a ver com as lutas do movimento sindical, estudantil e popular. Três fatos marcam essa nova realidade: o dia nacional de lutas de 23 de maio, a ocupação e greve vitoriosa da USP e a mobilização dos controladores do vôo.

Concentração do ato do dia 23 de maio na Avenida Paulista

O dia 23 mobilizou 1,5 milhão de trabalhadores na maior mobilização do país em muitos anos. Na sua direção estavam a Conlutas, o MST e a Intersindical. Um dado político completamente novo, com a ascensão da Conlutas como articuladora da mobilização. Outro elemento fundamental: o MST se descola do governo, ainda que sem romper com ele, e está sendo parte da construção deste plano de lutas. A CUT, central chapa-branca, foi amplamente derrotada, não conseguindo evitar a mobilização nem desviá-la para um apoio ao governo.

A ocupação vitoriosa da USP marca o nascimento de um novo patamar do movimento estudantil. A mobilização utilizou um método de luta avançado e radicalizado, com a ocupação de uma reitoria, que logo se estendeu a várias universidades do país. Conseguiu uma vitória política sobre o governo Serra, como há muitos anos o movimento estudantil não via. Realizou uma plenária estadual e um encontro nacional que ampliaram a reorganização do movimento para todo o país. Na direção da mobilização, mais uma derrota do governismo: a UNE esteve ausente e foi amplamente repudiada na USP. A Conlute, que defende a construção de uma nova entidade estudantil por fora da UNE, foi uma das principais direções da mobilização na USP.

A mobilização dos controladores de vôo rompe com a hierarquia militar ao se chocar com um dos pilares do regime e do Estado. Só o fato de estar ocorrendo indica que algo profundo se passa no movimento.

Além desses exemplos, dezenas de mobilizações ocorreram ou estão em curso no país. No funcionalismo federal, a greve dos técnico-administrativos das universidades expressa uma disposição de luta incomum. Na Philips de São José dos Campos (SP), os trabalhadores estão controlando a produção em uma experiência muito importante na luta por seus empregos. Em praticamente todo o país muitas greves e mobilizações populares estão ocorrendo.

O governo e a oposição burguesa estão enroscados em novos e novos escândalos de corrupção. Um desgaste lento vai tomando conta das instituições novamente. Não se trata de uma crise aguda como a de 2005, mas da retomada de um desgaste lento, porém profundo, do Congresso e da Justiça. Por enquanto Lula vai escapando, mas também sai respingado.

Existe um ascenso das lutas no país. Uma fase que dá seus primeiros passos, consegue suas primeiras vitórias (como a da USP) e conquista um grau de unidade que não existia no primeiro mandato de Lula. E vai também incorporando métodos de luta mais radicalizados – como as ocupações das reitorias e do Cindacta, na primeira greve dos controladores –, reivindicações ofensivas e não só defensivas.

O governo e a burguesia reagem numa escalada repressiva para enfrentar o ascenso. Nesse sentido, um fato merece ser destacado e marcado a ferro e fogo na consciência dos ativistas e dos setores mais combativos e esclarecidos do movimento sindical, estudantil e popular: Lula chamou as Forças Armadas para reprimir uma greve. Apoiou-se na cúpula da Aeronáutica para mandar prender os controladores de vôo. Já tínhamos visto inúmeras vezes prefeituras e governos estaduais do PT fazerem o mesmo, mandando a polícia reprimir piquetes de greves. Mas Lula vinha se preservando de uma ação como essa.

Ato contra decretos de Serra em São Paulo

Não foi um fato isolado. O governo tentou cortar o ponto dos funcionários do Ibama e do Incra e apresentou um projeto de regulamentação das greves, o que na prática significa uma proibição das mesmas. A polícia invadiu o campus da Unesp de Araraquara (SP) para reprimir uma ocupação estudantil. A Volkswagen havia demitido Rogerinho e a Prefeitura de Maringá (PR) havia despedido 28 dirigentes sindicais, mas essas manobras que foram depois derrotadas.

A repressão de Lula e da Aeronáutica aos controladores de vôo é símbolo da reação autoritária ao ascenso. Uma tentativa de retomar o controle que está sendo perdido com o enfraquecimento da CUT e da UNE. O governo quer reprimir para poder impor a reforma da Previdência no segundo semestre.

É preciso rodear as lutas em curso para que haja vitórias como as da USP. O movimento como um todo deve reagir para defender os controladores e apoiar sua luta. E apostar na unificação das lutas, com o plano de mobilização acertado entre Conlutas, MST e Intersindical. Entre as atividades estão um ato no dia 13 de julho (na abertura dos Jogos Pan-americanos, no Rio de Janeiro) e uma grande marcha a Brasília no segundo semestre, contra a reforma da Previdência e o plano econômico do governo.

É possível lutar e vencer!

UM CONGRESSO QUE DEFINIU O FUTURO DO PSOL

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O congresso do PSOL foi cercado de expectativas por todo um setor de vanguarda, em razão da importância deste partido para os ativistas que já fizeram sua experiência com o PT e o governo Lula. Agora eles podem tirar suas próprias conclusões, a favor ou contra, a partir das resoluções do congresso que definem um rumo claro para o PSOL.

ESTRATÉGIA "ANTINEOLIBERAL"

Prevaleceu no congresso a estratégia de uma "frente antineoliberal", ou seja, uma frente com setores da burguesia, partidos ou rupturas de legendas como PDT, PV ou PSB. Trata-se de uma nova frente de colaboração de classes, semelhante à estratégia seguida pelo PT de "*programa democrático popular*".

Tal proposta foi defendida pelas teses amplamente majoritárias no congresso. Por um problema tático, a definição da tática eleitoral para 2008 foi adiada para uma conferência no próximo ano. Mas a orientação da direção eleita no congresso é claramente contrária à reedição da frente de esquerda das eleições passadas. O PSOL segue girando ao redor das eleições – agora indica a importância do pleito de 2008. Depois será o de 2010...

O programa definido na tese majoritária mais uma vez deixa de lado qualquer estratégia revolucionária. Não existe nenhuma referência na revolução socialista, completamente ausente do texto. O programa não assume nenhuma postura clara de ruptura com o imperialismo. Em relação à dívida interna, defende um tratamento "*sob novos critérios*", sem especificar quais seriam eles.

SOBRE CONLUTAS E INTERSINDICAL

A votação sobre a necessidade de unificação da Conlutas e da Intersindical foi o ponto mais progressivo do congresso. Foram derrotados os setores que apostam na CUT ou defendem de forma sectária a Intersindical como um aparato próprio.

Mas essa votação foi seguida de uma outra que decidiu por uma conferência sindical ainda neste ano, para rediscutir o tema. Além disso, como o PSOL não tem centralismo, o mais provável é que as correntes contrárias a essa resolução continuem buscando atrapalhar esta unificação.

O ALINHAMENTO A CHÁVEZ

O congresso foi majoritariamente a favor de uma posição de alinhamento com o governo de Hugo Chávez. Trata-se de um erro grave dos companheiros. Apesar dos discursos antiimperialistas, o presidente venezuelano mantém sólidas relações com o imperialismo europeu, e não vai romper com Bush. A Venezuela segue tendo os EUA como principal parceiro comercial na exportação de petróleo, mantida até no período da guerra do Iraque.

Mesmo com as nacionalizações parciais, continua ocorrendo uma parceria entre o Estado venezuelano e as multinacionais do petróleo, que obtêm lucros gigantescos no país.

Não existe confronto com a burguesia venezuelana, mas um acordo com suas parcelas mais significativas (como o grupo Cisneros) e a recriação de uma nova burguesia a partir do aparato de Estado, a chamada "boliburguesia".

Para impor seu controle político, Chávez vem desenvolvendo uma postura cada vez mais ditatorial. É abertamente contra a autonomia sindical e impõe um partido único de esquerda (o PSUV), chamando todos os outros que têm desacordos de "contra-revolucionários".

Como o congresso foi construído

O congresso se realizou com delegados eleitos em base a práticas existentes no PT, antes condenadas pelas próprias correntes do PSOL.

No início do PT, a eleição dos delegados para os congressos expressava a vanguarda realmente existente e ativa nas lutas, que se reunia e elegia os delegados. Isso mudou completamente com a transformação do PT em um partido eleitoral, o que fez prevalecer o aparato dos parlamentares, com reuniões artificiais (festas, churrascos) para inflar seus delegados. Pessoas que nada tinham a ver com a luta votavam e eram votadas apenas para fortalecer as correntes parlamentares majoritárias.

Em razão disso, as correntes majoritárias no congresso do PSOL foram exatamente aquelas que têm uma estratégia reformista e deputados federais. O bloco formado por MES-MTL (Luciana Genro), APS (Ivan Valente) e o grupo ao redor do deputado Chico Alencar obteve 65% dos delegados e compôs a maioria da direção.

Esse tipo de funcionamento possibilita aos que têm mais recursos (os parlamentares) ser sempre majoritários, impedindo qualquer tipo de mudança na orientação do partido.

O CARÁTER DO PARTIDO NÃO FOI DISCUTIDO, MAS ...

Estranhamente não se discutiu o caráter do partido neste que foi o primeiro congresso do PSOL. O partido nasceu como uma frente eleitoral entre correntes reformistas e revolucionárias. Vários dos grupos revolucionários do PSOL diziam que definir o caráter do partido já em seu início era "prematuro e sectário", porque sua "amplitude" permitia a convivência de todos e o próprio desenvolvimento clarificaria as coisas.

Semelhante a outros partidos "anticapitalistas" no resto do mundo (como a Refundação Comunista na Itália e o Bloco de Esquerda em Portugal), através dessa proposta "ampla" surgem partidos reformistas eleitorais.

Era de se esperar que o primeiro congresso do PSOL debatesse o tema. Isso não ocorreu formalmente. Mas a aceitação das regras para a eleição de delegados e as decisões estratégicas (o alinhamento a Chávez, a frente "anti-neoliberal", o programa reformista e a direção eleita, com maioria de correntes parlamentares) permitiram formalizar o que antes era implícito. O PSOL sai desse congresso como um partido reformista eleitoral cristalizado.

As batalhas da ala esquerda, em geral corretas, não mudam o resultado geral do congresso. O futuro dirá a dimensão do partido, porém no marco dessa estratégia reformista eleitoral.

Não estamos fazendo nenhuma desfeita em relação ao PSOL. Vários dos dirigentes desse partido falam abertamente que são reformistas, e com muito orgulho. Por outro lado, nós fizemos uma frente de esquerda com o PSOL nas últimas eleições, e esperamos repeti-la no futuro. Militamos lado a lado com as correntes do PSOL que estão construindo conosco a Conlutas. Temos relações com seus quadros e dirigentes. Apenas fazemos as discussões políticas com a clareza que deve ter a esquerda.

Continuamos chamando o PSOL para constituir uma frente de esquerda, assim como o conjunto de suas correntes com o objetivo de lutar pela unidade entre a Conlutas e a Intersindical e construir uma alternativa unitária, para as lutas e as eleições. Ao mesmo tempo, convidamos os companheiros para este debate estratégico: nós seguimos opinando que vale a pena dedicar a vida pela causa da revolução socialista, e para isso é necessário construir o partido revolucionário.

JOSÉ CRUZ/AG.BRASIL

GOVERNO TENTA ABAFAR ESCÂNDALO E SALVAR RENAN

ENQUANTO ISSO, Congresso se desmoraliza cada vez mais

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Os escândalos de corrupção sob o governo Lula se sucedem com uma velocidade impressionante, desgastando cada vez mais o Senado, a Câmara dos Deputados e o próprio governo. A cada semana uma nova crise explode em Brasília, expondo um diferente aspecto da falência destas instituições corruptas. Resta sempre a pergunta sobre quem será o próximo político a ser pego em algum novo escândalo.

Passados inúmeros casos de corrupção que estremeceram o governo, os parlamentares mal disfarçam suas manobras para impedirem qualquer tipo de investigação. Reflexo de um sistema que beneficia apenas uma minoria e de uma justiça desigual, que pune apenas pobres e trabalhadores.

BALANÇA MAS NÃO CAI

Um dos escândalos mais recentes envolve o presidente do Senado e terceiro homem na linha de sucessão do presidente Lula. Apesar da situação de Renan Calheiros (PMDB-AL) se complicar cada vez mais, os deputados da base governista e da oposição fazem de tudo para adiar o processo aberto no Conselho de Ética. A esperança dos senadores é que, com o recesso de julho e o acúmulo de novos escândalos, o caso seja esquecido.

O senador é acusado de ter contas pessoais pagas pela empreiteira Mendes Júnior, através do lobista Cláudio Gontijo. Este repassava R$ 12 mil por mês de pensão à jornalista com a qual o senador teve uma filha há três anos. O valor da pensão seria incompatível com a renda declarada de Renan Calheiros.

Durante dias, a tentativa de Renan e de sua tropa de choque parlamentar foi provar que o senador possuía dinheiro para pagar a pensão. A tática buscava colocar a relação de Renan com a empreiteira Mendes Júnior em segundo plano. No entanto, não é preciso nenhuma grande investigação para constatar a fortuna acumulada pelo senador durante seus anos de política.

O NÓ DA QUESTÃO

Uma estimativa realizada pela revista 'Veja' constatou que o patrimônio conhecido do senador ultrapassa os R$ 10 milhões, grande parte conquistados a partir de 2002. Ou seja, dinheiro para pagar pensão Renan tem de sobra. No entanto, por que recorrer a um lobista? A relação com as empreiteiras, motivo que desencadeou a chamada Operação Navalha, foi "esquecida" tanto pelos senadores como pela imprensa.

Essa política deliberada não é por menos. Quando viram que sua tentativa de enterrar de vez o processo no Conselho de Ética não daria certo de imediato, Renan e seus aliados espalharam intimações veladas ao conjunto do Senado. As ameaças iam de revelações de casos extraconjugais dos colegas até corrupção. O senador cogitou até mesmo a hipótese de abrir uma "CPI das Empreiteiras", mandando o recado aos senadores de que, caso caísse, não iria sozinho, espalhando o pânico entre os picaretas.

O governo, por sua vez, joga pesado na absolvição do senador. A queda de Renan não seria apenas mais um desconforto para o governo Lula. O "experiente" senador é um tradicional político que, governo após governo, mantém-se em destaque. Quando Fernando Collor foi presidente, ele foi líder de seu governo entre 1990 e 1992 na Câmara dos Deputados. Já no governo de Fernando Henrique Cardoso, Renan foi nada menos que ministro da Justiça. No governo Lula, foi eleito presidente do Senado em 2005 e reeleito no começo de 2007. A atual crise política ameaça derrubar um "peixe graúdo" do Congresso.

OPERAÇÃO ABAFA

O terrorismo do grupo de Renan e o temor dos senadores de terem seus casos expostos surtiram efeito. A tática agora é empurrar o processo por quebra de decoro parlamentar aberto no Conselho de Ética com a barriga, entrando no recesso parlamentar, de 18 de julho a 1º de agosto. Até lá, os senadores contam com o inevitável aparecimento de novos escândalos que encubram o caso envolvendo Renan.

Mas o primeiro escândalo após este já apareceu. Se por um lado ele reforça a tática de salvar o presidente do Senado, por outro ajuda a desmoralizar ainda mais o Congresso Nacional.

PENSANDO NA BEZERRA

Desta vez, quem está no centro do escândalo é o senador e ex-governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PMDB). O parlamentar foi pego numa gravação telefônica interceptada pela Polícia Civil do Distrito Federal combinando a divisão de R$ 2,23 milhões em um escritório de Brasília. A conversa foi gravada em 13 de março e o flagra combinando a partilha com o ex-presidente do Banco de Brasília, Tarcísio Franklin de Moura, que foi preso.

A chamada Operação Aquarela investiga o desvio de R$ 50 milhões do Banco de Brasília. Para explicar o recebimento do dinheiro, Roriz contou uma história mais absurda que a das vaquinhas de Renan. Segundo ele, o dinheiro foi um empréstimo do dono da companhia aérea Gol, para que Roriz pudesse comprar uma bezerra de R$ 300 mil.

O dono da empresa teria dado ao senador um cheque de R$ 2,2 milhões. Roriz teria repassado o cheque ao ex-presidente do banco, que sacou o dinheiro e o entregou ao senador. Roriz ficou com o empréstimo e teria devolvido o troco ao dono da Gol. Questionado pela imprensa sobre a complexa história, o empresário negou a existência de tal cheque. Mas no dia seguinte afirmou ter se "lembrado" do empréstimo ao amigo senador.

Essa história se soma a todas as outras lorotas contadas incansavelmente pelos congressistas a cada novo escândalo. Mostra sobretudo a ilegitimidade de investigações como as levadas a cabo pelas CPI's ou pelo Conselho de Ética. São corruptos sendo investigados por corruptos. O Supremo Tribunal Federal, por sua vez, que é o órgão responsável pela investigação e punição dos parlamentares, nunca condenou ninguém.

NENHUMA CONFIANÇA NO CONGRESSO!

A sucessão de crises e escândalos que terminaram em pizza, do mensalão aos sanguessugas, já provou que o Congresso Nacional não investiga nem pune ninguém. Além disso, o discurso da "ética na política" era a bandeira principal do PT e vimos no que deu. Por isso, consideramos um equívoco a deliberação da Executiva Nacional do PSOL, que aprovou a realização de uma campanha pelo "*afastamento de Renan Calheiros*". O partido pretende "*levar o povo às ruas*" a fim de pressionar o Conselho de Ética e o Senado a investigar Renan.

O PSTU chama o povo e os trabalhadores a não depositarem qualquer tipo de confiança nesse Congresso corrupto. Apenas uma investigação independente, levada a cabo pelas organizações dos trabalhadores e da sociedade, poderá apontar os culpados. Defendemos também a abertura do sigilo fiscal e bancário dos acusados, assim como a prisão e o confisco dos bens de corruptos e corruptores.

DIEGO CRUZ

Ocupação da USP termina com vitória
nada será como antes!

GABRIEL CASONI e **ELLEN RUIZ**,
estudantes da USP e militantes do PSTU

Após 50 dias, terminou na sexta-feira 22 a ocupação da reitoria da USP. Ao saírem do prédio, os estudantes traziam consigo o sentimento e o entusiasmo de quem fez história no movimento estudantil. A partir dali, nada será como antes.

Para entender a trajetória do movimento, vale a pena voltar aos seus primeiros dias. A ocupação começou com pretensões modestas. A intenção era pressionar a reitoria para que houvesse um pronunciamento oficial da universidade sobre os decretos de José Serra (PSDB) e negociar a pauta específica dos estudantes. Naqueles dias, a proporção que o movimento ganharia era inimaginável.

A força que o movimento adquiria a cada dia superava seus objetivos iniciais. A luta ganhava um caráter político crescente, de enfrentamento com o governo Serra, questionamento do projeto neoliberal para a educação e aliança com trabalhadores e estudantes de outras universidades. Ao mesmo tempo, havia assembléias com milhares, cerca de 800 pessoas por dia passavam pela ocupação, cursos que nunca entraram em greve votavam pela paralisação com centenas de estudantes e crescia o apoio de trabalhadores e jovens por todo o país. O movimento tomou conta da universidade, começou a despertar os estudantes brasileiros e ganhou a simpatia de parcela expressiva da população.

RECUO DE SERRA

A força da ocupação desencadeou uma das maiores greves unificadas das universidades estaduais paulistas. Estudantes, professores e funcionários uniram-se para derrotar os decretos. Como uma luta contra Serra, seria natural e até mesmo oportuno que a UNE e o DCE da USP, ambos controlados pela aliança governista PCdoB/PT/PMDB, mobilizassem suas bases para desgastar o governador do PSDB, presidenciável em 2010.

Não foi isso o que aconteceu. A possibilidade de as mobilizações ganharem uma dinâmica própria, livre das amarras das direções tradicionais, e o medo de que a luta contra Serra se virasse também contra Lula, fizeram com que o DCE e a UNE não pisassem na USP durante quase dois meses.

O repúdio a essas direções foi tamanho que por pouco a atual gestão do DCE não foi destituída em assembléia. No encontro das estaduais paulistas, foi votado por ampla maioria que a UNE não falava em nome dos estudantes em luta.

Assim, quando a ocupação se combinou com a greve unificada, o governo tucano, as reitorias e a UNE tremeram. No mesmo dia em que os estudantes e os trabalhadores das universidades levavam seis mil às ruas, o governo Serra apresentava seu decreto. Esse documento apresentava um claro recuo do governo: caíam a proibição da contratação de docentes e funcionários, o privilégio das pesquisas operacionais, o engessamento do remanejamento autônomo de verbas, etc. A Secretaria do Ensino Superior permaneceu, mas ela e seu secretário – José Pinotti – foram desmoralizados politicamente. Em síntese, a ocupação e a greve forçaram Serra a um recuo expressivo. O governo selava sua derrota política: seu projeto de acabar com a autonomia das universidades fracassava em grande medida.

Despertar do novo A ocupação conseguiu obrigar o governo Serra a um importante recuo e arrancou da reitoria uma negociação específica vitoriosa (330 moradias, contratação de professores, reformas de prédios, congresso paritário para discutir o estatuto da universidade, transporte e bandejões nos fins de semana, etc.).

Junto com essas vitórias parciais expressivas algo mais profundo foi alcançado: o despertar do movimento estudantil. A ocupação demonstrou que é preciso lutar e possível vencer. Os estudantes enfrentaram vários inimigos: a mídia burguesa e suas mentiras de que se tratava de um ato isolado; o governo de Serra, que contou com apoio de Lula pelo fim da autonomia; a UNE, que nem moção de apoio mandou; a burocracia universitária, que pedia a tropa de choque; e a ideologia de que o movimento estudantil não leva a nada. Apesar de tudo isso, a ocupação resistiu.

A correlação de forças entre o movimento estudantil e os inimigos da educação pública mudou. O resultado dessa nova situação é claro: os estudantes se sentem mais fortalecidos para enfrentar os ataques no próximo período. Lula, os governos estaduais e as reitorias que se cuidem: o movimento estudantil vem com tudo.

FOI APENAS O COMEÇO...

A direção da USP se encontra em crise declarada, Serra sai derrotado politicamente, estudantes em todo país começam a enfrentar a reforma de Lula e os ataques à educação. De fato, os ventos são outros, mas os desafios continuam presentes. O projeto de destruição do ensino superior público continua tanto na reforma universitária de Lula quanto nos planos de Serra. A USP continua a ser a universidade mais autoritária e elitista do país, as fundações privadas continuam a comandar as pesquisas, a grande maioria dos trabalhadores, dos negros e dos pobres continuam sem acesso à educação superior.

O desafio do movimento agora é definir os próximos passos a partir das conquistas obtidas. É necessária a unificação dos estudantes em luta com os trabalhadores, para derrotar as reformas neoliberais que pretendem acabar com direitos históricos e pela universidade pública, gratuita, de qualidade e a serviço dos trabalhadores.

Por fim, vale dizer que tudo isso foi apenas o começo. A ocupação da USP e a greve das estaduais iniciaram um processo que tende a crescer. Os estudantes nas escolas e universidades não têm outro caminho senão a luta contra esse modelo destruidor. Como dizia umas das faixas na saída do prédio da reitoria: "*Lula e Serra, os seus dias estão contatos, nós voltaremos*".

O DERROTISMO DA ULTRA-ESQUERDA

Apesar do fortalecimento do movimento estudantil e das conquistas, há quem diga que o movimento estudantil saiu derrotado.

Utilizando-se de calúnias e mentiras, o PCO disse que as conquistas não "passam de migalhas" e a desocupação foi uma "traição da própria assembléia". Este partido tratou a ocupação sempre como um fim em si mesmo, tentando separá-la da greve. Outro setor, a LER-qi, apesar de defender a desocupação, classificou-a como uma atitude defensiva, no marco de uma derrota do movimento. Essas correntes elaboram a política com base em um único critério, sua autoconstrução. Por isso defenderam táticas aparentemente ultra-esquerdistas, que na prática facilitavam a vida da reitoria e do governo.

Esse tipo de análise tem conseqüências, pois ignora o fortalecimento, a capacidade e a disposição com que sai o movimento para continuar lutando contra a privatização da educação. Significa na prática não propor ao movimento lutar em outro patamar no próximo período, tarefa necessária e que o movimento estudantil demonstrou ser capaz de cumprir.

Além disso, a esmagadora maioria da assembléia geral dos estudantes e as reuniões de cada curso consideraram a ocupação e a greve vitoriosas. Isso comprova a vitória do movimento.

O FUTURO PEDE PASSAGEM

THIAGO HASTENREITER,
da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Mesmo à frente de greves e mobilizações importantes, a juventude não ocupava espaço tão relevante na conjuntura nacional desde o "Fora Collor". Foram anos e anos de refluxo e ideologias individualistas que contaminavam a consciência de milhões.

Quando pareciam domesticados e derrotados pelo governo Lula e sua amiga UNE, os estudantes levantaram suas cabeças. Logo no início do ano, a Unicamp e várias universidades federais foram palco de lutas por melhores condições de ensino e assistência estudantil. O pano de fundo foi o sucessivo corte de verbas do orçamento da educação, que alcançou a marca de mais de R$ 1 bilhão durante os quatros anos e meio do governo do PT.

Em seguida veio a retomada da luta contra o aumento das tarifas de ônibus e pelo passe-livre. Diante de um sistema de transporte cada vez mais precarizado, salários achatados e desemprego, secundaristas garantiram seus direitos através de massivas passeatas que se enfrentaram com a polícia e ganharam a população em Florianópolis (SC) e no Rio de Janeiro.

Para consagrar a chegada de um novo tempo, a greve das universidades estaduais paulistas e a ocupação da USP ganharam as manchetes. Foram quase dois meses de luta contra os decretos de Serra. Estava em jogo a autonomia universitária conquistada na década de 80 – a liberdade de estudantes, professores e funcionários determinarem os rumos da universidade. Afinal, são eles que sustentam as instituições de ensino no dia-a-dia, com trabalho e produção de conhecimento.

Numa tentativa de adequar as estaduais paulistas à reforma universitária, ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e ao Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) de Lula, Serra não mediu esforços e reprimiu os estudantes nas ruas com a Polícia Militar.

A ocupação da USP inspirou muitos e fez despertar o que há muito tempo estava contido pela UNE. Houve ações radicalizadas em defesa da autonomia, por mais verbas, contra a reforma universitária e por liberdades democráticas. Foram 15 ocupações em todo o país, com vitórias importantes nas universidades federais, como a ampliação do restaurante universitário na UFAL, licitações públicas para reformas estruturais na UFPA e adiamento da implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) na UFRJ.

Não há dúvidas de que o movimento estudantil se encontra em um novo patamar. A juventude parece ter reconquistado a confiança. Bandeiras históricas como "defesa da universidade pública", "congresso estatutário", "paridade nos órgãos colegiados" e "livre acesso" faziam parte de um futuro quase inexistente. Hoje o debate sobre concepção de universidade está presente. A estrutura de poder autoritária, a presença de fundações privadas e a cobrança de taxas não são mais vistas com naturalidade. Ao contrário, existe um forte movimento de contestação aos modelos educacionais vigentes.

Está na hora de o movimento de educação reafirmar seu projeto de universidade. A unidade entre ensino, pesquisa e extensão, a democracia interna, o caráter público, a gratuidade e a reivindicação de 10% do PIB para educação são fundamentais para colocar a produção de conhecimento e tecnologia a serviço dos trabalhadores.

Estudantes ao lado dos trabalhadores

A juventude não parte sozinha para a luta. A recente greve dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a crise nas Forças Armadas com a luta dos controladores de vôo, as paralisações dos metroviários em São Paulo e a retomada das ocupações de terra apontam para uma unificação dos movimentos sociais. A Conlutas, enfim, encontra sua vocação. O crescimento do sentimento classista entre os estudantes é uma realidade.

Não por acaso, a Plenária Nacional em Defesa da Universidade Pública, ocorrida dia 16 de junho na USP, votou um calendário no qual está marcada para agosto uma semana de atividades junto aos movimentos sociais do campo e da cidade dentro das universidades. A idéia é abrir as instituições a seus verdadeiros donos.

Construindo novas ferramentas

Para acompanhar a mudança de ânimo do movimento estudantil, a construção de novas ferramentas é cada vez mais necessária. A UNE foi completamente corrompida pelo burocratismo e governismo. Além de não enviar sequer uma moção de apoio à ocupação da USP, essa entidade conseguiu a proeza de ser expulsa pelos estudantes da vitoriosa ocupação da UFAL.

Desesperada para capitalizar as mobilizações que se alastravam, a UNE marcou para 6 de junho, em acordo o Ministério da Educação, um dia nacional de ocupações de reitorias. Foi um fiasco. Os estudantes perceberam a manobra e não atenderam ao chamado.

Já a Conlute desempenhou um papel importantíssimo nas lutas deste semestre. Foi assim nas ocupações da USP, UFRJ, UFAL, UFPA, entre outras, e na construção da plenária nacional. Foram mobilizações em que, apesar da UNE, os estudantes arrancaram vitórias e se fortaleceram.

Novos desafios virão, como a greve dos servidores técnico-administrativos federais, que já atinge 46 instituições. Para não desperdiçar energias e derrotar definitivamente os planos educacionais de Lula e do Banco Mundial, o movimento estudantil deve começar desde já a construção de uma nova entidade.

KIT GAION

MOBILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO LEVA MILHARES ÀS RUAS

EDNA OLIVEIRA,
do Rio de Janeiro (RJ)

A regulamentação da aprovação automática pela Prefeitura do Rio de Janeiro provocou uma verdadeira comoção entre os profissionais da educação e a população carioca. O mecanismo que já vigora no estado de São Paulo bane a chamada "repetência", a fim de reduzir ao máximo a permanência do aluno na escola.

A combinação das péssimas condições de trabalho e de salário, com a decisão da prefeitura de promover a aprovação automática, destruiria de vez a possibilidade de uma escola de qualidade. Além das condições precárias de trabalho, os professores ainda precisam trabalhar em várias escolas devido aos baixos salários.

A partir do anúncio dessa resolução, houve uma explosão nas escolas e em muitas ocorreu uma auto-organização que há muito não se via. O entendimento de que o objetivo da prefeitura é o fim da escola pública e sua privatização levou profissionais e a população a uma revolta generalizada.

Com grandes manifestações e passeatas que chegaram a contar com cinco mil pessoas e atos localizados nos finais de semana, em pouco tempo o movimento conquistou a simpatia da população que, além de participar das mobilizações, enviou milhares de cartas a toda a imprensa.

Através de paralisações alternadas, greve "pipoca" e muita pressão, a organização conseguiu, até agora, além de derrubar a aprovação automática em votação na Câmara de Vereadores, outras vitórias importantes. O prefeito César Maia (DEM) foi obrigado a convocar 800 professores do banco de concursados e determinou o fim da cobrança da avaliação de desempenho dos funcionários administrativos para redução salarial. Além disso, o Tribunal de Contas do Município reprovou as contas da prefeitura, admitindo que Maia não investe os 25% previstos por lei e que deve à educação pelo menos R$ 5 bilhões em dez anos.

A luta ainda não acabou, mas a grande vitória desse movimento é o resgate de uma categoria que voltou a acreditar que lutar é preciso e a vitória é possível. O próximo passo é a mobilização do dia 13 de julho, em plena abertura dos Jogos Pan-Americanos, no Rio.

MUNICIPAIS

GREVE DOS MUNICIPAIS ENFRENTA ADMINISTRAÇÃO DO PT

FÁBIO JOSÉ QUEIROZ,
de Fortaleza (CE)

No momento em que escrevíamos esta matéria, a greve dos professores e agentes administrativos da capital cearense caminhava para completar um mês, sem perspectiva de solução. Maracanaú, cidade da região metropolitana de Fortaleza, vive uma forte paralisação dos educadores, com intervenção da Conlutas, demonstrando o aumento da disposição de luta da classe trabalhadora.

Depois das jornadas de 23 de maio, Fortaleza já não é a mesma. Abriu-se um novo cenário muito mais favorável às lutas da classe trabalhadora. De um lado, a greve de setores do funcionalismo federal (Ibama, Incra e servidores da UFC). De outro, paralisações de trabalhadores de empresas privadas, como os da Telemar, e dos servidores municipais. No último caso, esteve colocada a possibilidade de uma greve unificada da categoria para derrotar a prefeita Luizianne Lins (PT) e seus planos de ataque ao serviço público. Mas isso não ocorreu.

NA BERLINDA

Eleita com apoio massivo do movimento organizado e com a promessa de ser alguém diferente em meio à mesmice oportunista do PT, a prefeita tem sido desmascarada greve após greve. São três anos de administração e três anos de movimentos de paralisação, particularmente dos professores. A experiência tem levado os municipais a concordar com o que dizemos desde a campanha eleitoral de 2004: Luizianne "é mais do mesmo", governa para os ricos e contra os trabalhadores.

MUNDO VIRTUAL

Para justificar o arrocho salarial e um PCCS (Plano de Cargos, Carreira e Salários) com mais perdas do que ganhos, a frente popular em Fortaleza mente sem nenhuma vergonha para os servidores e a população. Mostra uma "Fortaleza bela" que só existe nos cartões postais e na publicidade milionária nos meios de comunicação. Trata-se de um mundo virtual. A resposta dos professores e agentes administrativos em greve tem sido aumentar a luta e denunciar as mentiras. O contra-ataque da prefeita e do presidente da Câmara – o famigerado Tin Gomes (PHS) – se manifesta na forma de spray de pimenta e cassetete. Como diz a imprensa reacionária, "na força, a lei".

POR QUE NÃO HOUVE GREVE UNIFICADA?

Lamentavelmente as direções sindicais cutistas fizeram de tudo, em primeiro lugar, para não haver greve, e depois – com a inevitabilidade da paralisação - não economizaram esforços para evitar a unificação dos diversos setores do funcionalismo municipal (sem esquecer que a CUT abortou a campanha salarial dos servidores estaduais). A maioria da direção do Sindiute (corrente "O Trabalho", do PT) gastou bastante energia para convencer o professorado de que o PCSS da prefeitura não era tão ruim. Depois procurou, a cada assembléia, fazer retroceder o movimento paredista. As poucas ações unitárias devem-se à minoria do Sindiute – ligada à Conlutas – e à extraordinária combatividade e auto-organização dos agentes administrativos. Será preciso aproveitar a experiência em curso, fortalecer uma direção alternativa entre os municipais e construir a Conlutas.

LINDBERG FARIAS REPRIME SEM-TETO

GEOVANI PEREIRA e **PATRICK GALBA,** de Nova Iguaçu (RJ)

Desde o dia 19 de maio, cerca de 300 famílias sem-teto estão acampadas em um gigantesco terreno da União na cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. A área estava cedida a uma empresa de aviação, numa região conhecida na cidade como "aeroclube", abandonada há vários anos. A ocupação é composta por várias famílias, na sua maioria de desempregados e trabalhadores rurais sem-terra que se organizaram e lutam por um pedaço de terra.

No dia 15 de junho, o prefeito Lindberg Farias (PT) ordenou à guarda municipal, com o auxílio da Polícia Militar, a expulsão dos trabalhadores. A ordem foi cumprida. No entanto, segundo denúncia das famílias sem teto, além de atacar e expulsar os trabalhadores no meio da noite, as forças repressivas queimaram todos os barracos e "apreenderam" os bens dos trabalhadores.

Após isso, as famílias decidiram acampar em frente à prefeitura, onde permanecem desde o dia 19 de junho. Segundo denúncia, os trabalhadores vêm sendo ameaçados e reprimidos a todo tempo pela PM, a mando do prefeito.

Esses companheiros já têm o apoio da Conlutas através dos comerciários de Nova Iguaçu, que aprovaram uma moção de apoio na última assembléia do sindicato, e do PSTU. Eles precisam agora da solidariedade e de moções de apoio do conjunto do movimento social. Há poucos dias houve um ato dos professores municipais de Nova Iguaçu, que manifestaram seu apoio à luta das famílias sem teto, contra os abusos repressores da prefeitura petista do ex-esquerdista Lindberg.

LULA MANDA AERONÁUTICA REPRIMIR GREVE DOS CONTROLADORES

ESPOSA DE CONTROLADOR revela ao Opinião que substituições realizadas pelo governo aumentaram insegurança dos vôos

JEFERSON CHOMA, da redação do Opinião e ***LUCIANA CANDIDO,*** do portal do PSTU

"A determinação minha para o comando da Aeronáutica é colocar ordem na casa, faça o que tiver que ser feito". A frase é do presidente Lula em seu programa de rádio semanal "Café com o Presidente". Mas ela poderia ter sido dita por qualquer general dos tempos da ditadura.

Desta vez Lula autorizou a prisão dos controladores, qualificados como "sabotadores". Segundo a Folha Online, Lula disse ao brigadeiro Juniti Sato, comandante da Força Aérea Brasileira (FAB), que *"a Aeronáutica deve tomar todas as medidas que considerar adequadas para estabelecer o fluxo e a normalidade do tráfego aéreo"*. A ordem do presidente liberou a repressão contra os controladores.

As primeiras prisões foram as do presidente e do vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Controladores de Tráfego Aéreo (Febracta), Carlos Henrique Trifílio e Moisés Almeida. Trifílio foi acusado de dar uma entrevista à rádio CBN no último dia 14 sem autorização. Um absurdo, pois a Febracta é uma associação legalmente constituída, não existindo nenhuma restrição a sua organização pelas regras militares.

No último dia 22, a Aeronáutica afastou 14 militares controladores de vôo do Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo 1 (Cindacta-1), em Brasília. O local controla 85% da aviação regular do país. A acusação para os afastamentos foi de realização de "operação-padrão velada", "sabotagem" e insubordinação ao comando militar.

"Nós precisamos manter o bom funcionamento dos aeroportos, a disciplina militar, porque pra isso eles entraram nas Forças Armadas, se formaram sargentos e, portanto, têm que respeitar a hierarquia e cumprir com a determinação que todos os outros brasileiros cumprem", ditou Lula no programa de rádio.

TENSÃO

A decisão do comando da Aeronáutica vai piorar ainda mais a situação dos aeroportos, pois não enfrenta os problemas estruturais do setor, que incluem a militarização (resquício da ditadura), os equipamentos sucateados, a falta de pessoal e os baixos salários. Há 15 anos, o número de controladores no Brasil era de 3.200. Atualmente existem pouco mais de 2.300, enquanto o tráfego aéreo no país duplicou no período.

A última ação dos controladores teve início por novos problemas técnicos nos monitores, na terça-feira 19. Segundo os trabalhadores, as imagens não estavam nítidas nas telas. No dia seguinte, ocorreu uma pane no sistema de comunicação da Embratel.

Em nota, a Febracta esclarece que *"os atrasos e cancelamentos de vôos no dia de hoje [19/6/2007] nada têm a ver com a chamada 'operação-padrão', atribuída aos controladores de tráfego aéreo. O que vem ocorrendo no Cindacta I é o desgaste natural dos equipamentos que estão em uso além de sua vida útil"*.

O clima é muito tenso entre os controladores. O **Opinião Socialista** conversou com a esposa de um deles, cujo nome será omitido por razões de segurança. Segundo ela, o clima no local de trabalho dos controladores é de "terrorismo". *"Há controladores chorando, desgastados emocionalmente, enquanto oficiais ficam ao lado fazendo pressão. A polícia está lá também para prender qualquer um que se recuse a cumprir as ordens. Os próprios oficiais qualificam a situação como uma 'operação de guerra'"*.

INSEGURANÇA

Durante a crise, o governo também determinou a substituição dos controladores afastados do Cindacta-1 por profissionais do Núcleo de Controle de Defesa Aérea. A decisão agrava ainda mais a segurança do tráfego aéreo, pois os militares que assumiram o Cindacta 1 não têm experiência em operar o tráfego comercial, já que atuam na defesa aérea.

"Neste final de semana tive a informação de que aconteceram dois 'quase acidentes'(colisões) entre aeronaves", revelou a esposa do controlador. *"A situação de insegurança é tão crítica que os controladores não deixam ninguém da família embarcar em um avião"*, completou.

UMA CRISE QUE SE ARRASTA

A última crise aérea teve início no Cindacta-1, em Brasília, no dia 19 de junho. Bem diferente do que a grande imprensa noticia, os controladores não colocam em risco os passageiros, mas apenas passam a cumprir padrões internacionais de segurança, com intervalos maiores entre um vôo e outro, para diminuir os riscos.

Desde o acidente com o Boeing da Gol, que matou todos os passageiros, o governo tem responsabilizado os controladores pelas falhas. Os trabalhadores apontam problemas técnicos, mas não são ouvidos. A principal reivindicação da categoria é a desmilitarização do setor.

A decisão de prender e punir os controladores visa apenas diminuir o desgaste do governo, responsável pela crise aérea. Trata-se de achar um "bode expiatório" para a crise.

Uma solução fácil para Lula. Ao invés de "gastar dinheiro" com contratação e treinamento de pessoal, melhoria do sistema de controle de vôo e aumento dos salários, pressiona os controladores a trabalharem mais e em condições absurdas.

Mas o movimento está longe de terminar. O **Opinião** apurou que nos próximos dias a categoria vai tomar uma atitude, inclusive com novas paralisações, diante da insegurança dos vôos e das retaliações do governo.

Os movimentos sindical, estudantil e popular devem tomar para si a defesa dos controladores de vôo, votando moções contra a repressão, em defesa de seu direito de greve e em apoio à sua luta.

DELEGAÇÃO VAI EXIGIR A RETIRADA DAS TROPAS DO HAITI

DA REDAÇÃO

Uma delegação de sindicalistas da Conlutas e representantes da OAB está em visita ao Haiti para levar solidariedade à população e exigir a retirada das tropas brasileiras e da ONU daquele país.

O Haiti está sob ocupação militar de tropas da ONU (MINUSTAH), comandadas pelo exército brasileiro, desde 1º de julho de 2004. A ocupação está serviço do imperialismo, cujo objetivo é explorar ainda mais o país.

No roteiro da delegação está programada uma audiência com o presidente e o primeiro-ministro do Haiti. A delegação vai entregar às autoridades haitianas um manifesto assinado por sindicatos, parlamentares e intelectuais pedindo a retirada das tropas. Além disso, o grupo vai participar de atividades como uma visita às regiões onde estão as "maquiladoras" e realizar encontros com organizações camponesas.

A delegação da Conlutas conta com cerca de 20 representantes de importantes sindicatos e movimentos, como o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, com o Adilson dos Santos, o Ìndio; Sindipetro AL/SE, com Alealdo Hilário; Sindsprev-RJ, com Rolando Medeiros e Janira Rocha, que também faz parte da Direção Nacional do PSOL; o Sepe, com Dayse Oliveira; Apeoesp com Gege; Sindees-BH, com Ianni; o Must (Movimento Urbana Sem-Teto) do Pinheirinho, Valdir Martins, o Marrom; além da Conlute que será representado pelo estudante da Fatec Leandro Soto. Também compõe a delegação um observador do Conselho Federal da OAB, Aderson Bussinger.

O retorno ao Brasil ocorre no dia 4 de julho. Durante a visita da delegação serão publicadas notícias diárias sobre as atividades. Os informes estarão disponíveis no site da Conlutas e no Portal do PSTU.

"A VISITA É UM ATO DE SOLIDARIEDADE INTERNACIONALISTA"

O Opinião entrevistou Didier Dominique, professor e sindicalista haitiano do movimento Batalha Operária (Batay Ouvrye), organização sindical e popular do país caribenho. Ele nos conta o que se passa hoje no Haiti e fala sobre a importância da visita da Conlutas. Confira a entrevista na íntegra no Portal do PSTU.

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Didier Dominique

Opinião Socialista - Qual é a situação do Haiti depois da ocupação militar?

Didier Dominique - Três anos depois desta terceira ocupação do Haiti, a situação de desolação do país é ainda mais profunda. As incursões aos bairros populares (Cité SoleiL, na capital Porto Príncipe) das forças armadas da MINUSTAH têm provocado mortes de maneira brutal, principalmente entre a população civil, chegando a matar velhos e crianças. O nível de insegurança provocado pelo terror que bandos armados espalham nesses locais cresceu. As ações da MINUSTAH levaram a esses bairros populares o mesmo terror que existia antes.

O mais importante, porém, é que a ocupação serve para implementar o projeto de dominação e controle imperialista para a exploração da mão-de-obra haitiana, a mais barata do continente e uma das mais baratas do mundo. Este projeto visa transformar o país numa plataforma para a confecção e exportação de bens de montagem (principalmente têxteis), em benefício das multinacionais. Em torno disso se criou todo um sistema financeiro e de política neoliberal, onde a dívida externa e o famoso "ajuste estrutural" são determinantes para a dominação imperialista.

Nas fábricas, os direitos dos trabalhadores estão pisoteados. Nos bairros populares, o terror causado - seja por bandos armados, seja pelas tropas da MINUSTAH - deixa, de fato, uma "paz", mas é a "paz dos cemitérios", em que é muito difícil para os trabalhadores se organizarem.

O governo Préval está a favor dessa política quando diz que os investimentos estrangeiros vão "salvar o país". Sabemos muito bem que estes "empregos" trazem a exploração máxima dos trabalhadores e a miséria para o povo em geral.

O que você pode nos dizer sobre as mobilizações populares contra a ocupação?

Didier - Hoje em dia a atitude criminosa dos soldados da MINUSTAH já permitiu vários atos genuínos de resistência popular. Os "capacetes azuis" são vistos com um ódio silencioso (...). A dificuldade extrema de vida criada pela política burguesa neoliberal de Préval também está gerando sinais de grande desacordo por parte da população. Uma recente greve de dois dias dos motoristas de ônibus, seguida por quase toda a população, mostrou sinais de um descontentamento real.

Nesse sentido, a mobilização efetiva do povo haitiano contra as forças da ONU está por ser construída. As tropas da ONU estão mostrando pouco respeito à vida do povo haitiano.

Lula disse que deseja implantar uma usina de etanol no Haiti. Qual é a sua opinião?

Didier - O projeto do etanol, com um disfarce ecologista, vai beneficiar apenas os países imperialistas, pois o objetivo é reduzir sua dependência de petróleo dos países do Golfo Pérsico (...) Assim, os trabalhadores do nosso país voltariam ao sistema de plantação semi-escravagista para produzir essa mercadoria (...)

Estender esta orientação também ao Haiti se insere dentro do plano global de uso da mão-de-obra mais barata. Não é uma casualidade que o filho do vice-presidente brasileiro, dono das mais importante fábrica têxtil do Brasil, tenha viajado recentemente ao Haiti para explorar as possibilidades de instalar aqui uma unidade.

O projeto do etanol pode ser bem acolhido não só pelos grandes latifundiários daqui, mas também pelos médios e, em certa medida, até pelos pequenos produtores, por trazer, num primeiro momento, um dinamismo à agricultura muito decadente nos últimos anos. Mas esse dinamismo não será mais do que momentâneo, parcial e orientado para benefício exclusivo das classes dominantes. Para entender isso, basta recordar as plantações de sisal que as multinacionais norte-americanas implantaram no Haiti durante a primeira ocupação, em 1915. Não só destruíram as terras, como trouxeram enormes ondas de migração às principais cidades, que não tiveram tempo nem capacidade de para absorver o fenômeno. O resultado foi uma desolação completa que iniciou a desagregação social a que assistimos no momento no país.

Qual é a importância da visita da delegação da Conlutas?

Didier - A visita da Conlutas é para nós da Batay Ouvriye - e, neste sentido, estamos seguros que também o é para o conjunto do povo haitiano – de suma importância. Primeiro pelo fato de que representantes de várias organizações do Brasil venham democraticamente trazer ao Haiti sua oposição à ocupação. Essa posição é muito valente por enfrentar o governo brasileiro, que implementa a ocupação em apoio ao projeto imperialista e burguês de exploração. Isso significa um ato de solidariedade internacionalista concreto.

HAITI: UMA LONGA HISTÓRIA DE PILHAGEM E DE LUTAS

O Haiti é conhecido pela pobreza que a exploração imperialista provocou. Muito menos conhecida é, no entanto, a riquíssima história de lutas e revoluções deste país.

Dois terços de sua população vivem na mais absoluta pobreza. Muitas famílias sobrevivem com menos de um dólar por dia e a expectativa de vida média da população chega a apenas 45 anos. Tudo isso é resultado da brutal pilhagem colonial e imperialista que o país sofreu ao longo de sua história.

PRIMEIRA REVOLUÇÃO

A história do país também é marcada por lutas heróicas. No Haiti ocorreu a primeira revolução negra do mundo e a primeira revolução anticolonial triunfante na América Latina. Os escravos derrotaram a classe dominante branca local, assim como as sucessivas invasões espanhola, inglesa e francesa (esta última contou inclusive com uma expedição enviada por Napoleão Bonaparte). Derrotaram as maiores potências européias em um dos grandes feitos revolucionários da história, estabelecendo pela primeira vez uma república negra. Isso ocorreu paralelamente à Revolução Francesa, em um processo combinado com o enfraquecimento e a crise da monarquia dominante.

O Haiti já foi a mais importante colônia do mundo graças à cana-de-açúcar, cuja importância era similar à do petróleo atualmente. Uma riqueza que se baseava na brutal exploração de mais de 500 mil escravos africanos obrigados a trabalhar em condições desumanas.

No Haiti ocorreu a única revolução vitoriosa de escravos. Mil e oitocentos anos antes, na Roma Antiga, a rebelião dos escravos liderada por Spartacus havia sido derrotada. A revolução negra haitiana teve em sua base escravos concentrados em grandes plantações de cana, que puderam articular sua revolta coletivamente. Cyril Lionel Robert James, o autor de "Os jacobinos negros", genial livro da história haitiana, mostra como os escravos realizaram o movimento mais próximo do que seria a história do proletariado moderno. Toussaint L'Ouverture, o líder do movimento, escreveu seu nome na história das revoluções. Isso ocorreu 80 anos antes da Comuna de Paris e mais de um século antes da Revolução Russa.

Em 1804 o país conquista sua independência, tornando-se uma referência para os que lutavam pela libertação das colônias latino-americanas. Até mesmo Simon Bolívar, líder da independência da Venezuela, do Equador, da Colômbia e do Peru, encontrou acolhida no país em 1815.

PROBLEMAS

Apesar da vitória, a economia haitiana estava em ruínas e ressurgiu a oposição entre a maioria negra e a minoria mestiça. Buscando recuperar sua antiga colônia, Paris reclama em 1814 uma compensação no valor de 150 milhões de francos em ouro para indenizar os colonos. Em 1838 a França reconhece a independência do Haiti, sobre a base da aceitação dessa "dívida", agora reduzida a 90 milhões de francos. Até 1883, o Haiti pagou em partes o total dessa indenização.

Durante o século 19, o peso da dívida nas finanças do Haiti, a devastação das florestas e o empobrecimento do solo causado pela exploração excessiva afetaram o desenvolvimento da nova república. Os choques internos originaram guerras civis e até a divisão temporária do país. Isso aprofundou a oposição entre as massas de ex-escravos, que sobreviviam nas zonas rurais, e a nova burguesia oligárquica urbana, sobretudo mestiça, que enriqueceu com o comércio de café. Sucederam-se golpes de Estado e motins.

SÉCULO 20

No século passado, mudaram os protagonistas, mas não a realidade de pilhagem e miséria. O imperialismo norte-americano surgiu como potência dominante. A partir daí, América Central e Caribe passaram a ser considerados pelos EUA como seu "quintal".

Iniciou-se então a política do "Big Stick" (grande tacão). O verdadeiro significado dessa política ficou evidente com a frase do presidente Monroe "*América para os americanos*". Começou então uma série de invasões a distintos países da região. O Haiti foi ocupado pelos soldados dos EUA em 1915, que lá permaneceram até 1934. Eles tomaram o controle da aduana e criaram exércitos para defender seus interesses. Depois, em 1957, apóiam a ditadura dos Duvalier, varrida em 1986 por uma rebelião popular. Em seguida, por meio de golpes, o país teve uma sucessão de governos – civis e militares – que tentaram reconstruir o aparato do Estado.

Houve então grandes conturbações políticas. Foram realizadas eleições presidenciais em 1990, vencidas por Jean-Bertrand Aristide. Em setembro de 1991, o presidente foi deposto num golpe liderado pelo general Raul Cedras, e se exilou nos EUA. Três anos depois, uma força militar liderada pelos EUA entrou no Haiti para reempossar Aristide. A ação foi precedida por bloqueios econômicos da ONU.

Os compromissos de Aristide com o FMI e os EUA fizeram com que ele governasse contra aqueles que o haviam seguido. Após três anos sem resolver nenhum problema de fundo, Aristide começou a se utilizar amplamente de forças repressivas para controlar a situação, gerando enormes protestos e alimentando o crescimento de uma oposição burguesa.

Em 2003 a oposição pediu a renúncia de Aristide. No ano seguinte, conflitos armados se espalharam pelo país. À medida que os rebeldes armados iam avançando, os imperialismos norte-americano e francês começaram a defender a saída do presidente. Uma nova invasão imperialista teve início quando soldados norte-americanos seqüestraram Aristide e o levaram para a África do Sul. "Sobrecarregado" no Iraque, Bush passou a tarefa da ocupação colônia para o Brasil que, em 2004, assumiu a liderança da ocupação sob a cobertura da ONU.

O atual governo haitiano, do presidente René Préval, ex-vice de Aristide, é completamente subordinado às ordens do governo Bush e se apóia na atual ocupação militar.

ATIVISTAS PROTESTARÃO CONTRA AS REFORMAS NO DIA 13

RIO 2007

MANIFESTAÇÃO ocorrerá na abertura dos Jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro

DA REDAÇÃO

Após a grande jornada de lutas de 23 de maio, que mobilizou 1,5 milhão de pessoas em todo o país, o próximo passo contra as reformas e a política econômica do governo Lula se dará no local que será o centro das atenções no próximo período. Em meio à abertura oficial do Jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro, ativistas de todo o Brasil estarão diante da imprensa nacional e internacional denunciando a retirada dos direitos e a política neoliberal de Lula.

A data foi definida na Plenária Nacional da Assembléia Popular, realizada nos dias 16 e 17 em Brasília. O encontro reuniu amplos setores do movimento sindical e popular, como Conlutas, Intersindical e MST. Além do ato nacional durante a abertura do Pan, a assembléia aprovou um calendário unificado de lutas, que inclui mobilizações gerais e iniciativas específicas dos movimentos, e culmina numa grande manifestação pública em Brasília em outubro. No mesmo mês também ocorrerá a reedição da Plenária da Assembléia Popular para definir os próximos rumos do movimento.

A plenária fortaleceu a unidade dos setores que estão na luta contra as reformas do governo, avançando no processo de reorganização do movimento de massas e possibilitando ações de grande repercussão, como foi o plebiscito popular contra a Alca em 2002. Uma dessas iniciativas será o plebiscito sobre a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, que será realizado na semana do 7 de Setembro.

O ato de 13 de junho no Rio, além de denunciar as reformas, vai contrastar com a mega-operação do Pan, expondo ao mundo os planos de Lula de atacar ainda mais os direitos dos trabalhadores brasileiros. São esperados cerca de 1.500 jornalistas estrangeiros para a cobertura do evento.

Pan, escândalo e superfaturamento

Mal haviam começado e as obras do Pan-Americano já estavam sendo investigadas por superfaturamento. No ano passado o Tribunal de Contas da União encontrou indícios de superfaturamento na construção de apartamentos na Vila Pan-Americana, que hospedará os atletas dos jogos. O valor da ilegalidade superaria os R$ 25 milhões.

A própria Câmara Municipal do Rio instalou uma CPI para apurar o caso. Os custos das obras do evento superaram em 684% o orçamento previsto pela casa em 2002. Como se isso não bastasse, inúmeras obras foram realizadas sem licitação pública. O governador Sérgio Cabral (PMDB) gasta nas obras do Pan nada menos que 1.513% a mais do que estava inicialmente orçado. De R$ 31 milhões, as verbas para as empreiteiras foram para R$ 500 milhões.

Já o governo federal gasta quase 11 vezes a mais, de R$ 138 milhões para R$ 1,5 bilhão. Isso representa 987% a mais do que estava previsto. Ao todo, serão gastos algo como R$ 4 bilhões na organização dos jogos. Um detalhe que não pode passar despercebido nesse tema é que, enquanto os governos estouram todos os orçamentos e firmam contratos sem licitação com empreiteiras, os trabalhadores envolvidos nas obras enfrentam péssimas condições de trabalho. Em março deste ano, por exemplo, os operários envolvidos na construção do estádio João Havelange, o "Engenhão", foram obrigados a paralisar suas atividades para protestar contra a demora no fornecimento de comida e água.

PRAÇA DE GUERRA

Como se isso não fosse suficiente, o estado do Rio deverá se transformar numa praça de guerra para receber os jogos. A Secretaria Nacional de Segurança Pública gastará cerca de R$ 562 milhões só em "segurança". No entanto, o que o governo entende por segurança é, na verdade, uma política higienista contra a população e povo pobre da capital do Rio.

Um esquema está sendo preparado a fim de afastar moradores de ruas e andarilhos dos arredores dos jogos. Sérgio Cabral afirmou que colocará nove mil homens da Força Nacional no esquema. O governo federal ajudará com mil veículos novos para a PM, seis aeronaves e equipamentos.

Além disso, a segurança do Pan, que incluirá a ocupação da polícia das favelas e comunidades pobres, servirá de modelo para o país. "*Se der certo, como estou pensando que vai dar certo, teremos um novo modelo de segurança pública neste país*", afirmou Lula.

CONTRA MANIFESTAÇÕES

Curiosamente, o treinamento das forças envolvidas na segurança do Pan incluiu o enfrentamento de manifestações públicas. No Rio funcionará ainda um centro da Abin (Agência Brasileira de Inteligência), que reunirá e centralizará os diferentes serviços de inteligência do evento. Entre outras tarefas, a agência investigará "*pessoas que atuariam profissionalmente arregimentando grupos para movimentos*", como revelou o comandante de inteligência da Abin, Luiz Salaberry, à Agência Brasil. Um exemplo desses movimentos seriam as manifestações contra a OMC.

"*Estamos levantando o nome dessas pessoas que foram detidas no mundo inteiro, para o governo brasileiro definir se concede o visto ou não. Se, do ponto de vista das liberdades individuais, não for possível negar o visto, esses estrangeiros vão ter um acompanhamento da área de inteligência*", revelou Salaberry.